

A refuncionalização das ruínas do Queimado em casa de eventos

Helio dos Santos Passos¹

Elis de Araújo Miranda²

Grupo de trabalho: ST4 - Reorganização do território regional: a rede urbana, as mudanças na hierarquia e na estrutura interna às cidades. Infraestrutura logística e seu papel nas mudanças territoriais.

RESUMO: O trabalho analisa as transformações das ruínas da usina do Queimado Açúcar e Álcool de Campos dos Goytacazes localizada no atual bairro Parque Santo Amaro. Para tanto, utilizaram-se as seguintes operações: pesquisa bibliográfica, documental e virtual, nota/trabalho de campo, entrevista e recorte temporal para o anúncio do início da formação do bairro, utilizando como marco o ano de 1979, quando foi implementado o Plano de Desenvolvimento Físico e Territorial Urbano de Campos (PDUC). Os resultados da investigação apontam que o PDUC, mesmo sendo uma política pública de ordenamento urbano, revela a ação de um representante em particular de sua família e de uma classe em decadência econômica, que, como estratégia para a problemática de ordenamento e expansão da cidade, converte áreas rurais em urbanas, direciona e valoriza a área/propriedade da usina que acarreta consequências a médio/longo prazo que diz respeito à aparência e morfologia do bairro (da paisagem ou do espaço habitado) que se formam e desenvolvem a partir da ação dos proprietários da usina, tornando-a centralidade e refuncionalizando as antigas estruturas em um espaço de lazer na atual base econômica do Norte Fluminense: o setor petrolífero.

Palavras-chave: Paisagem. Ação política. Refuncionalização.

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: hs.passos2@gmail.com.

² Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) Universidade Federal Fluminense. E-mail: elismiranda10@gmail.com.

Introdução

Com o intuito de aprofundar mais a os estudos sobre o conceito de paisagem, buscamos analisar a área em que se encontra instalada uma das ruínas de usina de produção de açúcar/álcool instalada em Campos dos Goytacazes ainda no século XIX e que a sua estrutura resiste como ruína na paisagem atual da cidade.

As usinas de açúcar e álcool tiveram grande importância para a história econômica da Região Norte Fluminense e do Brasil, enquanto os usineiros, no período da criação das unidades produtivas até a decadência do setor, formavam a classe social condutora dessa atividade e controlavam terras, produção agrícola, produção industrial e uma imensa massa de trabalhadores que vivia no entorno das usinas.

Optamos por analisar a Usina do Queimado³ pela sua localização em uma das entradas da cidade. Por ser estrangeiro vindo morar em Campos, em 2009, com o objetivo de ingressar em um curso de graduação, percebi a presença da ruína da usina tão logo cheguei à cidade, que, por sua vez, foi algo novo no meu cotidiano. Sendo uma das características dessa área em que a ruína da usina se encontra instalada, o contraste nas formas arquitetônicas que é perceptível e marca diferentes temporalidades, assim como ao redor da ruína é notável características de ruralidades presentes no meio urbano, como pastos, cercas de arame farpado, gado pastando e trabalhadores que circulam sobre cavalos.

Entendemos que as paisagens são morfológicas por estarem sendo mediadas por Ações que em correspondência recebem funções e estruturas e que ao longo do tempo tudo pode ser transformado a depender dos contextos sócio-econômico-culturais. Entendemos que essas Ações estão sendo conduzidas por grupos sociais, que agem a partir de um aporte cultural e estão impressas na paisagem por meio dos objetos geográficos.

São marcas que podem ser percebidas, vistas ou sentidas. Entretanto, nem tudo que se apresenta à nossa visão pode ser compreendido, visto que as intencionalidades e contextos, as múltiplas funcionalidades que possam ter existido

³ Destaca-se que durante o TCC a usina fazia parte do conjunto dos lugares históricos de Campos dos Goytacazes selecionados que foram usados para apontar as transformações da paisagem urbana através das fotografias públicas para a proposição de aulas expositivas.

anteriormente ao que se vê e os sujeitos envolvidos nas ações são elementos que não se anunciam no visível. Nesse sentido, o artigo se divide em três seções: primeiramente a apresentação da operacionalização da pesquisa. Em seguida, expõe a interação entre paisagem, ação e planejamento urbano. E terceira parte está em torno da influência do planejamento urbano, em especial o PDUC de 1979 na refuncionalização da ruína do Queimado em uma casa de festa.

Apontamentos metodológicos

A operacionalização teve como base os seguintes utensílios: pesquisa bibliográfica, documental e virtual, nota/trabalho de campo, entrevista e recorte temporal delimitado a partir do Plano de Desenvolvimento Físico e Territorial Urbano de Campos (PDUC) em 1979. Ressalta-se que as entrevistas foram feitas com o proprietário/administrador da usina do Queimado, a atual direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos dos Goytacazes, a liderança da Associação Fluminense dos Plantadores de Cana na década de 1990 e do Sindicato dos Trabalhadores na Usina de Açúcar de Campos dos Goytacazes, e, para apresentar a refuncionalização da usina, foram entrevistados representantes de algumas agências que realizaram eventos no local entre o período de 2002 e 2018.

Paisagem cultural e ação no planejamento urbano

O fenômeno paisagem possui diversas abordagens e metodologias e deve ser ressaltado que é de interesse de diversos campos do saber. Vinculada às ciências humanas, a produção técnica e as ciências naturais, a paisagem está passível a desafios constantes e controvérsias. A essência do conceito compõe-se no conjunto articulado de formas materiais, tanto da natureza como pelas atuações antrópicas, infligindo funcionalidades e significados tornando-se multidimensional e com diversas perspectivas que fornecem definições e conteúdo.

Um primeiro consenso entre as argumentações está em torno da concepção da paisagem no domínio da observação (SANTOS, 1988, POLETTE, 1999; CASTRO, 2005; MEINIG, 2003). Outro consenso entre as argumentações do conceito foi seu surgimento no âmbito artístico como forma de criar representações da paisagem a partir de linguagens e expressões artísticas (pintura, escultura,

arquitetura, literatura, etc.), tendo como característica significativa a estética (POLETTE, 1999; MAXIMIANO, 2004; CLAVAL, 2012).

Nas primeiras décadas do século XX, Carl Sauer atribuiu, em suas pesquisas, a paisagem como um objeto central da geografia e a cultura como marca da ação humana. Isto é, propõem um esquema para se estudar a região, tendo como o principal elemento a paisagem, que irá se modificar com o desenvolvimento das relações indivíduo/meio no seio de uma cultura.

Para Sauer, a “morfologia da paisagem” corresponde a um método⁴ e objeto que se baseia nas descrições sistêmica das formas, suas relações e associações como síntese da região. Nesse sentido o autor desenvolve um manual para se abordarem, de maneira articulada, os três domínios dos estudos geográficos: a) estudo da superfície da Terra e os processos físicos; b) estudo das formas de vida e a relação com os ambientes; e c) estudo da diferenciação de áreas (SAUER, 2012).

Podemos dividir a discussão em três termos que permeia entre paisagem, cultura e simbolismo. A cultura interage com a consciência, a natureza e o poder:

a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem de ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana, examinadas no capítulo de Eyles. Uma religião, por exemplo, ou um credo político só podem sobreviver se as pessoas os praticarem (COSGROVE, 2012b, p. 223).

Dessa maneira, existe, em uma sociedade, o conflito entre a cultura dominante e as culturas alternativas, e “o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras, como objetiva e válida cultura para todas as pessoas” (COSGROVE, 2012b, p. 226). Esse conflito é mediado pelas relações de poder que se materializam pelos símbolos que muitas vezes são sutis (COSGROVE, 2012b).

⁴ O método morfológico de Sauer (2012) consiste nos estudos comparativos, de contorno organizado das associações e ordenamentos dos fenômenos, como suas formas integradas a estruturas, um método empírico, e apoia-se em três pressupostos: uma unidade de qualidade orgânica ou quase orgânica, ou seja, uma estrutura para qual certos componentes são necessários, esses elementos componentes sendo chamados "formas". A semelhança de forma em estruturas diferentes é reconhecida em função da equivalência funcional, as formas sendo, então, "homólogas". E os elementos estruturais podem ser dispostos em série, especialmente em sequência de desenvolvimento, indo de um estágio impaciente a um estágio final ou completo. Esse estudo morfológico não se concentra em um sentido biológico, apesar do termo morfologia ter surgido nos estudos biológicos. O método morfológico no campo social consiste em sintetizar os fenômenos, uma síntese contínua servido com maiores sucessos na Antropologia.

A representação da paisagem é uma atitude ideológica associada a uma rede de interesses e a uma tática de dominação. Ela desponta o resultado de um procedimento constante incompleto (NAME, 2010). O fenômeno pode ser entendido como um esquema entre marca-matriz, as expressões de uma civilização, suas materializações no espaço. Simultaneamente, uma matriz pode também estar em acordo com os planos da percepção, concepção e ação que estabelece uma cultura, que por sua vez, canaliza a relação de um dado grupo social com o espaço podendo se lida a partir dos objetos presentes na paisagem. Ela existe em sua afinidade com um coletivo, que a produz e reproduz, transformando-a em emprego de determinada coerência (BERQUE, 2012).

A cultura é vista por uma ótica confiscada por uma consciência, valorizada por uma experiência, avaliada e ocasionalmente lançada por uma estética e por uma moral provocada por uma política. A paisagem é uma abstração que não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na influência mútua complexa destes dois termos (NAME, 2010).

A paisagem tem assim uma relação estreita com a ação e a cultura. Esse fenômeno espacial tem como fundamental característica a contínua transformação. As ações possuem um planejamento que pode ser compreendido como a consonância entre ideia e ação. Ao pensarmos esses pressupostos no ambiente urbano, a paisagem da cidade se torna um fenômeno e objeto de interesse público

Quando refletimos sobre as ações em uma dada cidade, podemos entender que a partir daí se percebe um conjunto de práticas de organização espacial, o qual chamamos de espaço urbano. Nesse sentido, a ação exercida para organizar o espaço vem munida de um projeto, um plano, uma ideia, isto é, um planejamento.

Por conseguinte, esse planejamento é efetivado a partir da coordenação partilhada de grupos que possuem poder de decisão, o que Joseph (2004) denomina de associações de pressão. Em texto intitulado “Paisagem, coisa pública”, o autor apresentou um exame de políticas públicas de acessibilidade para concepções de moradia, de instrumentos coletivos e de transportes públicos. No planejamento da agenda dessas políticas para o bem público, há uma relação de forças entre os grupos de pressão, havendo igualmente um poder desigual entre esses segmentos.

Assim, a paisagem pode ser entendida como fenômeno social e objeto de interesse público comum ao conjunto de uma sociedade, podendo ser evidenciada como tema do direito (GONÇALVES, 2015).

A paisagem seria um fenômeno sociopolítico da realidade na cidade, sendo negligenciado pelos agentes políticos, pela sociedade e pelo Estado. Nesse sentido, devido à crise ética e política do Estado, isto é, à crise de representação envolvendo os direitos constitucionais, a paisagem passa ser um resultante de um crescente procedimento de fragmentação socioespacial, refletindo a fragmentação sociopolítica que caracteriza as cidades contemporâneas (GONÇALVES, 2015).

A partir de uma abordagem sociológica, Joseph (2004) examinou empreendimentos⁵ executados pela gestão municipal, em que um dos projetos foi elaborado por uma administração municipal, que partiu de uma metodologia de gestão planejamento participativo e gestão democrática em Belém. Os espaços públicos selecionados por esta administração para fins de intervenção eram constituintes da memória coletiva da cidade, e as ações planejadas prezavam a construção de uma paisagem como bem público comum para os moradores (e turistas) que frequentam, assim como a acessibilidade/mobilidade para e no centro urbano.

Outro projeto de intervenção urbana, este gerido pelo governo do Estado, implementou o uso e a ocupação das margens da cidade a partir da lógica do turismo no espaço, em que o orçamento e as parcerias com o setor privado foram desiguais e proporcionaram a privatização da paisagem das margens da Baía do Guajará.

O que se quer destacar é a produção do imaginário e como há uma intencionalidade diferente para cada um desses lugares⁶ com o objetivo de proclamar um cartão postal para os habitantes (e turistas). Os espaços públicos selecionados para a intervenção⁷ tinham em comum o estarem às margens da Baía

⁵ A pesquisa de Joseph (2004) se apoiou em três tipos de trabalho no campo do planejamento urbano: 1) sobre gestão pública e urbanidade democrática; 2) sobre reestruturação urbana de espaços públicos centrais; e 3) sobre avaliação econômica e política de projetos. E a possível adequação no caso de Belém.

⁶ Que por sua vez, tem relações sociais delimitadas por diferentes classes/culturas, que fez refletir nos investimentos dos projetos. Enquanto um teve um orçamento alto em parceria com empresas privadas, o outro foi feito com um orçamento menor voltado para as camadas mais populares e com planejamento participativo que fez surgir um antagonismo.

⁷ Mercado Ver-o-Peso e o centro comercial da Estação das Docas

do Guajará, possibilitando a acessibilidade a uma paisagem natural, objeto de disputa de agentes imobiliários e outros setores privados da economia, que tentavam cercear o acesso às margens dos rios e da Baía do Guajará, indo em contra ao projeto de democratização do espaço público e de acesso à paisagem natural da cidade.

Segundo Ribeiro (2013), o planejamento urbano tem duas faces que devem ser resgatadas ao efetivar a ao. A face prática que está no âmbito técnico-científico com orientação interdisciplinar com função de registrar a organização do território, dos indivíduos e das atividades. E a face de caráter social/político que fornece compreensão dos segmentos sociais e dos interesses contemplados ou excluídos de um dado planejamento. No entanto, abordar de forma simultânea essas faces exige um esforço de análise e somente a partir desse tratamento se compreende o planejamento como técnica de intervenção orientada por um conteúdo social e político que busca efetivar uma modernização.

O planejamento tem relação com as conjunturas, sendo necessário fazer periodizações e espacializações desses processos de modernização e seus rebatimentos na paisagem. O entendimento histórico do planejamento abrange associações entre necessidades sociais, as hipóteses materiais da economia e as prioridades políticas. Se instala como gestão política de soluções entre desigualdades da estrutura social e as condições imediatas da vida coletiva, entusiasmadas pela busca de legitimidade de interesses e frações sociais a partir de uma lógica racionalizadora (RIBEIRO, 2013).

Nas bases ideológicas do interesse público, não há como desvincular da noção de interesse privado. Por conseguinte, o interesse público está baseado na doutrina clássica do direito romano que corresponde a uma dicotomia entre ambos os setores (privado e público) onde há dificuldade na compreensão da correlação entre interesse público e interesse difuso (GONÇALVES, 2015).

H uma terceira via que se aplica de forma mais abrangente ao interesse público, que está para além dos conflitos de interesses entre Estado e sociedade; centra-se no conjunto de interesses compartilhados por grupos, classes ou

categorias de pessoas⁸, interesses estes, que não são propriamente estatais nem individuais:

(...)a diferença entre interesse difuso e interesse público está no fato de que o primeiro possui, em algum grau, um grupo ou conjunto de indivíduos referencial, unidos por circunstância de fato conexa, ainda que, considerando que o direito pleiteado pode não coincidir com o desejado pela coletividade; enquanto no segundo não há a possibilidade da determinação de um grupo em específico, mas se refere a toda a sociedade envolvida, em que o objeto de direito é automaticamente extensível a toda a coletividade de uma sociedade (GONÇALVES, 2015, p. 107).

A paisagem urbana entendida como um bem público se torna indivisível, ela é comum à coletividade em geral (interesse público primário) mesmo que se admita a multiplicidade de interesses existentes na cidade. Mais além, o fenômeno pode ser tema de uma política pública específica, pois está vinculada a um processo (ação) no espaço que objetiva resolver problemas que atingem o interesse público. Com a ascensão da paisagem como um problema político, ela passa a ser reconhecida como um elemento do planejamento da cidade, sendo colocada no âmbito de políticas públicas de ordenamento territorial (GONÇALVES, 2015).

Para compressão do fenômeno ação é necessário refletir sobre a categoria protagonismo⁹ e entendê-la como uma novidade. Afirma a autora que essa categoria sinaliza uma alteração na ação emergindo uma nova maneira de refleti-la. O protagonismo está em acordo com uma cenarização mediada pela política (RIBEIRO, 2015). Esses são os pressupostos para a existência de duas faces na apreensão do protagonismo.

A primeira face é atributo da década de 1960 com o reconhecimento da relação entre ator e sujeito, um processo de transição do sujeito a ator que está absolutamente envolvida na formulação de um projeto, que por sua vez, possui uma essência política para transformação das relações sociais. Sem um projeto com

⁸ Essa via aborda tal conjunto de interesse com base em duas leis, a saber, Lei nº 7.347/85, chamada de Lei de Ação Civil Pública, e Lei nº 8.078/90, com o nome de Lei de Defesa do Consumidor. Sendo assim, ocorre uma subdivisão chamada de interesses transindividuais composta por interesses difusos, interesses coletivos e interesses individuais homogêneos. Os grupos se diferenciam entre si no que tange à maneira de representação e escala de atuação. O interesse público possui duas vertentes, uma primária, relativa ao interesse coletivo, e uma secundária, referente à forma que a administração observa o interesse público (GONÇALVES, 2015).

⁹ Ribeiro (2015) pretende valorizar os processos socioculturais para tratar o protagonismo como referência ao que ela denomina de hipermodernização, e essa análise está instituída no campo dos movimentos sociais.

vontade política ocorre o enfraquecimento na relação do ator e sujeito. Em linhas gerais a articulação entre ator, sujeito e projeto que forma a vontade política é o indicativo de defesa de uma cena, arena institucional ou pública que pode ser chamada de protagonismo. Essa face continua sendo atualizada e tende a reconhecer os dilemas estruturais através do sujeito e da ação e segundo a autora, a questão que se trata nessa face incide na interação entre sujeito, a ação e a acumulação capitalista, com a valorização do sujeito coletivo sendo a principal crítica dos movimentos sociais (RIBEIRO, 2015).

A segunda face consiste na atualização que foi iniciada a partir da década de 1990. O ator se sobrepõe à problemática do sujeito, uma articulação entre protagonismo e ator. O ator é protagonista, ele garante a existência do ator, e o sujeito deixa de receber o mesmo exame e ocorre o aumento da capacidade de propor. (RIBEIRO, 2015).

A percepção da ação também é diferente para cada face. A primeira está relacionada à percepção das forças sociais que conduzem a conquista de afirmação da força política. Essa passagem de força ocorre na disputa das arenas políticas e pelo alcance das ferramentas de poder, articuladas a discursos. Na segunda face, a percepção de ação está ligada a fiscalização dos agentes de mudanças, isto é, o foco está na vigilância da ação e seu acompanhamento, que objetiva o aumento da eficácia (RIBEIRO, 2015).

Ambas as faces possuem estratégia política e, igualmente, concepção de poder, possuem abordagens diferentes. Na primeira face, primeiramente se identifica a oposição, depois identificam-se as ferramentas disponíveis para agir, para posteriormente se discutirem as informações atinentes à ação. É necessário se conhecer o opositor, suas qualidades e seus meios de poder. Essa estratégia está em acordo com uma percepção dos conflitos, contradições e antagonismos. De forma diferente, na segunda face primeiramente identificam-se os concorrentes, quem vai concorrer à oportunidade. Uma face conduzida pela concorrência, pela competição (RIBEIRO, 2015).

Afirma Ribeiro (2015), em termos de ação planejada/planejadora, que cada face operacionaliza de uma maneira: na primeira face, há o reconhecimento de valorização em longo prazo, que pretende ter mudanças abrangentes e estruturais,

portanto, a juízo do projeto é de médio a longo prazo. Enquanto, na segunda face, foca-se na ação, de maneira intensiva e focalizada em determinadas frações sociais e contextos, mais restringida à ação social em curto prazo. Todas essas características que formam o conteúdo das faces do protagonismo serão opostas, sendo assim, são duas faces que disputam a política por meio de seus projetos de ação em arenas institucionais.

O Plano de Desenvolvimento Físico e Territorial Urbano de Campos e a refuncionalização das ruínas do Queimado

No ano de 1977, assume no poder executivo o prefeito Raul David Linhares e em associação com a Fundação de Desenvolvimento de Norte Fluminense (FUNDENOR) acorda o Plano de Desenvolvimento Físico-Territorial Urbano de Campos, terminado e entregue em 1979.

Carneiro (2015) et al. apontam que o plano tinha o principal objetivo de ajustar as irregularidades existentes no tecido urbano, sobretudo nas áreas menos privilegiadas com insuficiência de infraestrutura. Dessa forma, o plano promove o desenvolvimento físico territorial do espaço urbano do município a partir de alguns critérios estabelecidos por lei de efetivação. A principal proposta do plano era a de racionalizar a expansão urbana da cidade, uniformizando e direcionando as áreas para as quais a cidade deveria expandir.

São formuladas quatro leis de coordenação do PDUC: a) Lei dos Perímetro Urbanos, b) Lei de Zoneamento e Uso do Solo; c) Lei de Parcelamento do Solo; e d) Código de Obras (CARNEIRO, 2015). Essas quatro bases serviram como respaldo para a ação e o controle do espaço pela municipalidade. O plano ficou caracterizado como um enredo confuso, pois ocorreram algumas coincidências como o início de ambas as perimetrais em seus trechos a oeste do canal Campos-Macaé cruzaram-se com as terras da propriedade da família Linhares (ZACCHI, 2012; OLIVEIRA, 2013). Essa ação se materializou no espaço com surgimento dos primeiros condomínios horizontais fechados nas terras da usina mencionada (ZACCHI, 2012). E atualmente o bairro Parque Santo Amaro é uma área intraurbana que passa por alterações devido à efetivação de uma política pública urbana.

Em verdade, muitas glebas de usinas tornaram-se bairros; são entendidas como propriedades que produzem vazios urbanos, logo, o setor público ignora e não exerce pressão para que a propriedade cumpra função social no perímetro urbano¹⁰. Esses vazios urbanos servem como estratégia para valorização/especulação da terra para futuros empreendimentos. (CONTI; FARIA; TIMÓTEO, 2014; CRUZ; GONÇALVES, 2017). As transformações das terras rurais em urbanas acontecem de acordo com os interesses dos proprietários no entorno da cidade. São esses proprietários que pressionam pela modificação no uso do solo no entorno da malha urbana do município, sua estratégia a partir da permuta de terras, com projeto de parcelamento de terras rurais com empresas privadas especializadas em loteamentos (ZACCHI, 2012).

O quadro 2 oferece os elementos apresentados nas seções anteriores acerca de ação política, articulados com o marco histórico e o ator social envolvido, que representa a consolidação do bairro e da refuncionalização das antigas estruturas da usina. O plano representa a defesa de uma cena política, que terá benefícios a longo prazo para um determinado grupo, que virá a ser o principal agente coordenador da paisagem do bairro e do seu status

Quadro 2: PDUC como ação política

Sujeito	Ator protagonista	Ação/Projeto Político	Face da ação	Resultados
Raul David Linhares	Líder do poder Executivo	Política Pública de planejamento urbano: PDUC, 1979	Primeira face do protagonismo	<ul style="list-style-type: none"> • Produção descontínua da paisagem • Favorecimento a longo prazo a um segmento social • Falta de integração viária no bairro • Construção do Parque Santo Amaro (e do seu status) • Resignificação e refuncionalização da usina (objeto)

Fonte: Elaborado pelo autor

¹⁰ Encontram-se dentro do perímetro delimitado pelo Plano Diretor do Município de Campos dos Goytacazes, de 2008, terras das usinas São João, São José, Santo Antônio, Queimado, Cambaíba e Sapucaia (CONTI; FARIA; TIMÓTEO, 2014).

O fim das atividades da usina do Queimado (e do setor sucroalcooleiro) está associado ao avanço do projeto neoliberal que se instala a partir da década de 1990 (CRUZ, 2003, FRANCISCO, 2009, SMIDERLE, 2010, PIQUET, 2010; RODRIGUES, 2016). A unidade do Queimado não decretou falência, mas funcionava com uma produção ociosa, mesmo com a atividade e com muitas terras já loteadas e vendidas, como o Parque Santo Amaro¹¹.

Compramos esse terreno no final de 70, ainda no meu primeiro casamento. Pegamos as chaves com a casa pronta em 82. A usina funcionava com as pessoas já morando aqui nas casas, parou de funcionar só na década de 90. Eu lembro que nos finais da tarde tinha que já ir fechando a casa senão as paredes ficavam todas pretas por causa da moagem da cana, o céu ficava preto de tanta fuligem da cana e grudava nas paredes da casa (Entrevista com a Sra. Rosi da família Miranda, 2017).

Quando começamos a morar a casa não era igual como ela está agora, era apenas de um andar, se ver muitas delas por aí no bairro. Mas a maioria já foi modificada. Todo final de tarde chovia fuligem que vinha da usina do Queimado, na época eu era adolescente e ela funcionava. (Entrevista com a família Oliveira, 2017).

Segundo as entrevistas, após uma paralização em decorrência do mal funcionamento do maquinário da produção, em novembro de 1994, a unidade decretou o encerramento de suas atividades no ramo da produção do açúcar e álcool.

A paralização foi por um motivo de quebra de uma máquina fundamental para o funcionamento, foi em setembro de 1994 que parou. O conserto era caro e teria que levar em Espírito Santo. A usina estava passando por muitos problemas na produção do açúcar e com os trabalhadores. Então resolvemos vender os maquinários e o dinheiro indenizar os trabalhadores e em novembro do mesmo ano fechamos a usina (Entrevista com o proprietário da usina, 2017).

A usina do Queimado não chegou a falir e sim preferiu finalizar as atividades, mas os trabalhadores estão em recuperação sindical e esperando FGTS até hoje. Muitos diziam na época que a paralização para consertar a máquina foi uma ação para desfocar a atenção sobre a falência. (Entrevista com Paulo Honorato, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Campos dos Goytacazes, 2016).

Pode -se dizer que houveram alguns motivos para o fechamento da usina do Queimado. Um motivo são os danos naturais pela forma de produção da cana. Tem o desinteresse por parte dos herdeiros da usina, preferiram usar o espaço para outros fins. O fim da IAA é outro motivo, porque era o órgão que sustentava as usinas aqui em Campos. Lá no Queimado a unidade foi obrigada a desativar o pátio de produção por causa do crescimento da

¹¹ Segundo as entrevistas com as famílias, o loteamento do bairro analisado foi comprado por uma cooperativa para construir moradias para trabalhadores. Surgiu da organização em parceria entre uma cooperativa de trabalhadores, para pleitear junto ao extinto Banco Nacional de Habitação a aquisição de um terreno pertencente à usina do Queimado

cidade e das novas atividades (Entrevista com Luiz Eduardo Crespo, líder sindical da Associação Fluminense dos Plantadores de Cana, 2016).

Comecei a morar aqui no final da adolescência quando meus pais compraram a casa que foi construída com a usina funcionando ainda, lá na década de 80 ou 90. Hoje em dia virou uma casa de festa, essas festas de eletrônico. Com o tempo o bairro foi mudando, hoje em dia tem a praça com a quadra e alguns bares depois das obras, deu outro visual a vizinhança (Entrevista com a família Queiroz, 2018).

Há algumas polêmicas em torno do motivo do término das atividades da usina; entretanto, a ressignificação da unidade, o que promoveu uma nova função em uma nova dinâmica socioeconômica na região, tornou-se realidade a partir do terceiro milênio.

Cabe destacar que essas usinas representam um patrimônio industrial enquanto um artefato da paisagem residual do município (GANTOS; 2004; GANTOS; SOUZA, 2006; MESQUITA, 2012). Os processos que levaram a uma trajetória de formação de um bairro, nas terras da usina do Queimado, refletem a datação e o movimento da paisagem que está atrelada ininterruptamente ao movimento das condições sociais, econômicas, políticas e culturais no espaço (SANTOS, 1988).

Fundamentado em Santos (1988), esse movimento promove as mutações estruturais e funcionais da paisagem. A mudança do lugar anuncia um novo ritmo, que corresponde a uma nova aparência (nesses casos, um bairro), nova forma de parecer, sofrendo uma variação funcional. A variação estrutural se dá pela mudança das formas que estão em constante relação entre as estruturas socioeconômica e política. São alterações de velhas formas para adequação às novas funções que igualmente são mudanças estruturais que promovem também um envelhecimento moral. O envelhecimento das formas é tanto físico (quando há desgastes dos materiais) quanto social (referente ao desuso, desvalorização ou preferência de outras formas):

Às vezes, o envelhecimento das formas permite que haja uma mudança brutal de seu uso - grandes casas viram cortiços, mudam de moradias ricas para pobres, O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais, o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural (SANTOS, 1988, p. 24).

Essas dependências aqui, hoje funcionam como a área administrativa da usina, mas aqui já foi a moradia da minha família na época que usina funcionava a todo vapor. Lá em cima tem os quartos que antes eram

utilizados pela família, a usina fazia parte da fazenda e onde as pessoas ficavam a maioria do tempo (Entrevista com o proprietário da usina, 2017).

Essa fala do proprietário é bem emblemática para a discussão que está sendo feita. A ruína do Queimado é, portanto, *memória*¹² por remeter ao passado (recente ou remoto) e ao resgate de lembranças boas ou ruins, mas sempre seletiva e podendo também ser inventada. Dessa forma, a paisagem tem a função exibicionista de mensagens do passado (ABREU, 1998; CORRÊA, 2016). E *herança*,¹³ pelo fato de que toda a organização espacial é um resultado de acúmulo herdado do passado que arquiteta as paisagens poligenéticas¹⁴ que permanecem a partir da ação da inércia (paisagem residual). A permanência da continuidade da função na mesma estrutura, recorre-se a refuncionalização que solicita a designação de novas funções a formas antigas que, no presente, passam a ser valorizadas cronológica ou simbolicamente. E a ressignificação de formas antigas que continua, mas com novos significados (CORRÊA, 2016).

Portanto, do ano de encerramento das atividades, em novembro de 1994 até os anos 2000¹⁵, as estruturas da usina estavam inertes, uma paisagem residual. As demandas do urbano, que implicaram em estratégias para dotar função social a propriedade, estabeleceu nova função e significado à ruína e à continuidade do movimento socioespacial.

O quadro 6 está representado os possíveis eventos¹⁶ que foram realizados nas dependências da usina. Foram entrevistados os agentes representantes de algumas agências que promoveram esses eventos no local, em que se assentaram as intencionalidades anunciadas por meio de seus eventos culturais.

¹² Grifo nosso

¹³ Grifo nosso

¹⁴ Produção de formas em distintos momentos por meio da ação de variados sujeitos sociais que efetiva diferentes funções, podendo algumas sumirem por se tornarem arcaicas (CORREA, 2016).

¹⁵ Na entrevista com o proprietário, foi relatado que a usina passou a sediar eventos aproximadamente a partir do ano 2000. Nossa delimitação no ano de 2002 foi por meio da pesquisa documental em jornais do município, em que encontramos, no Jornal Folha da Manhã, na edição do mês de abril de 2002, um anúncio para locação do espaço, assim como os eventos que iriam acontecer no mês corrente e seguinte.

¹⁶ Através das *web pages* da usina: o Instagram e o Facebook

Quadro 6: Eventos realizados na usina do Queimado

Ano	2002	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Data	1. 18/05 2. 25/05 3. 08/06 4. 15/06	1. 19/11 2. 25/11	1. 11/08 2. 22/09 3. 20/10 4. 24/11 5. 22/12					1. 03/06 e 26/08 2. 25 e 26/06 3. 24/12	1. 07/04 2. 09/05 3. 07/07 4. 24 e 25/07 5. 01/08 6. 15/09
Agência/Agente	Grupo Piccadilly	Grupo Piccadilly	Grupo Piccadilly					1. Tatanka Brewing 2. Ateliê da Luz 3. Invictus produções/Sandro Moura eventos	1. Invictus produções/Sandro Moura eventos, Atléctica de Medicina e Atléctica fúria 5. Ateliê da Luz
Evento	1. Odontochopp 2. Odontosianal: "a festa da azaração" 3. Festa Junina da Odonto 4. Show da banda LS Jack	1. Usina Prime – 10 anos inesquecíveis 2. Natal de la musique prime edition	1. Usina Prime 2. Dexterz Live 3. Monobloco, Tati e Zona Sul 4. Emotion 3d 5. Sport Up 10 anos 6. Naldo Benny					1. Tatanka West n´ WildBBQ Music Festival 2. Conferência Lampion 3. Nata na Usina	1. De volta a Usina 2. Armandinho 3. Arraiá das Públicas 4. Conferência Lampion 5. MedFúria 6. Campos Fantasy
Tipo de Evento	Universitário e Show artístico	Universitário/festa eletrônica	Universitário/Festa eletrônica e show					Gastronômico, conferência artística e universitário	Universitário, conferência artística e show
Total: 30 eventos									

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

A refuncionalização da usina é dividida em dois momentos: 1) antes da paralização dos eventos que eram realizados pelo mesmo grupo¹⁷; e 2) após a paralização de eventos onde há a diversidade de agências promotoras dos eventos nas dependências. Podemos observar a partir do quadro que os eventos possuem um público alvo em comum: os estudantes universitários. Salvo os eventos promovidos pela Tatanka Brewing e Ateliê da Luz. A primeira agência é uma

¹⁷ Segundo a entrevista com o administrador atual da usina, os eventos iniciaram sendo organizados por uma parcela dos herdeiros da propriedade que compõem a parentela familiar.

cervejaria e empresa de marketing e a segunda trata de promover um evento de difusão de novas relações com produtos artísticos visuais:

A Tatanka é uma cervejaria que trabalha com posicionamento de marketing de “West” e o Tatanka BBQ West que é o evento de churrasco da Tatanka é feito com o objetivo de promover a marca da cervejaria. Amostar para as pessoas o produto, fazer com que elas conheçam e tudo isso seguindo o mesmo posicionamento de marketing. Em relação a usina, ela é da minha família, então fui eu mesmo que fiz o contato direto para poder alugar o espaço. Fui eu que criei a área com as minhas parcerias para fazer o evento (Representante da Tatanka Brewing, Bruno Aguiar, 2018)

A Conferência Lampion é uma conferência de fotografia e arte com o objetivo de trazer a transformação na forma de como as pessoas se relacionam com a fotografia. Assim o evento também promove um manifesto trazendo a fotografia e a arte como dispositivos. Fazemos sempre no período de férias universitárias. Fizemos o aluguel do espaço com Sr. Eduardo, um dos donos e de difícil negociação por ser um espaço de herança familiar, com algumas cobranças sem fundamentos e local é muito “largado” (Representante do Ateliê da Luz, Fernando Borges, 2018).

Acerca da paralização dos eventos, entre os anos de 2013 e 2016, tivemos acesso a dois pontos de vista. Um que argumenta que a paralização foi feita por medida de segurança e o outro que defende que foi por medida da “política da boa vizinhança”:

Os eventos aqui na usina eram feitos pelo pessoal da outra parte da família. Os mesmos que administram o Piccadilly, eles usam o espaço da usina para fazer eventos, por aqui ser grande. Mas após algum tempo resolvemos parar porque eu via muito jovem de manhã bebendo muita água e me perguntava: esses jovens só bebem água a madrugada toda? Então estava algo errado. (Entrevista com o proprietário da usina, 2017)

Fizemos um abaixo-assinado contra os donos da usina do Queimado. Foi para parar com os eventos na madrugada. Festas que rolavam a noite toda até pela manhã as vezes na quinta-feira. Isso fez com que eu, junto com outros moradores fizéssemos um abaixo-assinado para acabar com as festas. Na época eu pedi ajuda ao Marcelo Lessa para a formulação do documento. Com o tempo eu fui deixando para lá e não foi para frente. (Entrevista com Sr. Daniel da família Miranda, 2017)

Em 2017, os eventos retornaram com todos sendo produzidos pela parceria entre as agências Sandro Moura eventos/Invictus Produções ou Invictus Produções em parcerias com organizações atléticas de estudantes¹⁸. As novas demandas da cidade, decorrentes das regionalizações efetuadas no ciclo do petróleo, Campos dos Goytacazes se tornou polo político/administrativo da Região Norte Fluminense. Esse

¹⁸ Foi feito o contato com integrantes da segunda agência, entretanto, apesar do Sr. Rodrigo ter confirmado participar da entrevista, o representante nunca retornou ao contato com uma posição, mantendo-se em silêncio após diversas tentativas de comunicação

fato causou uma nova organização regional e hierarquizou o município em questão (PIQUET, 2010).

Destacamos as políticas regionais, denominadas de *políticas nacionais de corte setorial*¹⁹. Seu predomínio impactou favoravelmente na diminuição das disparidades regionais originadas de séculos passados. O foco dessas políticas foi lidar com as diversidades do que as desigualdades do País, representando uma inclusão sofisticada das escalas espaciais no desenvolvimento do planejamento, onde se ergue uma abertura da agenda de políticas (ARAÚJO, 2013).

Campos dos Goytacazes foi uma das cidades que foi atingida por essas políticas; o município foi alvo de políticas voltadas para o Ensino Superior e Profissionalizante. Com a inauguração do REUNI, ocorreu a desconcentração e interiorização dos campi universitários, onde, no governo passado, a concentração encontrava-se nas Regiões Sudeste, Sul e Litoral. Isso permitiu o acesso ao ensino superior de milhares de jovens, que antes não tinham oportunidade. O ingresso desses campi nas cidades médias teve um impacto imediato e significativo, não só culturalmente, mas dinamizou o comércio e os serviços locais. (ARAÚJO, 2013).

A cidade tem aumentado os movimentos pendulares por motivos de estudo. Esse município possui maior oferta de ensino em diversos níveis. Um estudo sobre tal região mostra que a cidade de Campos dos Goytacazes sempre teve concentração de chances educacionais e, nas últimas décadas, se acentuou com diversos empreendimentos econômicos (setor petrolífero) e políticas de expansão do ensino técnico e superior. O município campista é definido como uma segunda casa, com aproximadamente 146 mil estudantes matriculados em instituições públicas e privadas. Isso exhibe a centralização do ensino neste município e a carência em outros municípios adjacentes (TAVARES, OLIVEIRA, 2015).

É nesse passo que entendemos que esses acontecimentos são refletidos na paisagem, seja na construção de um novo prédio, um shopping, uma universidade, na chegada de novos agentes sociais a cidade, na composição de novas convenções sociais (eventos culturais, científicos e populares), seja na refuncionalização de antigas estruturas para adequação às novas organizações do espaço urbano.

¹⁹ Grifo nosso

Considerações finais

O presente trabalho demonstra que o bairro Parque Santo Amaro e sua paisagem foram formados e mantêm-se em processo de modificação por ação dos proprietários da atual casa de eventos do Queimado. O PDUC foi uma ferramenta de cunho técnico e conduzido por leis com a finalidade de ordenar a expansão da cidade para o oeste do distrito-sede; no entanto, esse processo foi ditado pelos interesses estatais e da terceira geração de proprietários de terra da usina do Queimado²⁰.

Raul David Linhares²¹ representa o sujeito que, como ator político líder do poder executivo, vai protagonizar o projeto de ação formulada tecnicamente representado pelo PDUC, esse plano que foi defendido e executado na arena institucional e estava para além do que se via no presente de então²² e revela a ação de um representante em particular de sua família e de uma classe em decadência econômica, que como estratégia para a problemática de ordenamento e expansão da cidade converte áreas rurais em urbanas, direciona e valoriza a área/propriedade da usina do Queimado, trazendo algumas consequências a médio/longo prazo que pontuamos, como a refuncionalização das ruínas da usina do Queimado para uma casa de festa (valorizando mais o bairro). Essas estruturas antigas, na atualidade, compõem a fisionomia do bairro e o principal objeto que resguarda a memória do lugar que se sustenta em constante processo de transformação, notando que este processo é provocado por ações de sujeitos inseridos em contextos político-econômicos e atuam como gestores do espaço urbano.

²⁰ Na ocasião que foi formulado o PDUC, a família que administrava (até atualmente) era a Linhares, que vem a ser a família do prefeito da época. Os herdeiros da Usina do Queimado fazem parte da nova geração dos proprietários que surge na década de 1970, os irmãos Vitor Julião, Maria Tereza e Marília e seus esposos José Linhares e Álvaro Aguiar (ZACCHI, 2012; RODRIGUES, 2016). Não obstante, essa trama expressa a estratégia social de consolidação do poder da elite política econômica através das parentelas familiares, estratégia muito utilizada na sociedade burguesa brasileira, também muito comum nas relações sociais em Campos (RODRIGUES, 2016)

²¹ E assevera Ribeiro (2015) parafrazeando Karl Marx sobre as personas que estarão nessas arenas institucionais (ora no legislativo, ora no executivo ou no judiciário) defendendo os interesses do capital. A partir daí, podemos refletir sobre a ação dessa figura pública e as consequências que proliferaram nas décadas seguintes.

²² Ver Abreu (1998).

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras, Geografia I**, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ARAÚJO, Tânia de Araújo. Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil. In: BRANDÃO, C. A. ; SIQUEIRA, H. (orgs). **Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2013.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem matriz: elementos da problemática para geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CASTRO, Demian Garcia. **Patrimônio histórico e arquitetônico como marca de qualificação da paisagem de Quissamã: identidade cultural, poder e consumo**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

CARNEIRO, Silvana Monteiro de Castro. **À margem da cidade: o rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) - Universidade Cândido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2015.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 9, p.1-11, 2016.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CRUZ, José Luís Vianna. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 – 2000**. Tese (Doutorado) – IPPUR/UFRJ, RJ, 2003.

CRUZ, Jose Luís Vianna; GONÇALVES, Bianca Siqueira. Potencialidades do IPTU Progressivo para a justiça urbana: o caso de Campos dos Goytacazes. In: SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO: DO GLOBAL AO LOCAL: O PODER DAS

ESCALAS SOBRE O TERRITÓRIO, 16., 2017, Campos dos Goytacazes. **Anais...** Universidade Candido Mendes: UCAM, 2017.

FRANCISCO, Quézia de Souza. **A agroindústria canavieira de Campos dos Goytacazes – RJ e os royalties do petróleo a partir da percepção dos atores.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense – UENF, Campos dos Goytacazes, 2009.

GANTOS, Marcelo Carlos. Apontamentos para uma Arqueologia Agroindustrial do complexo sucroalcooleiro em Campos dos Goytacazes, RJ. In: ENCONTRO EM PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, 1. 2004, Fundação Campinas: Biblioteca Nacional – UNICAMP.

GANTOS, Marcelo Carlos; SOUZA, Francisco de. De usinas e usineiros: um ensaio sobre a decadência de uma cultura (Campos dos Goytacazes, 1930-2000). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 18., 2006, Assis, SP. **Anais...** Assis, SP: ANPUH/SP; UNESP, 2006.

GONÇALVES, Fábio Christiano Cavalcanti. A paisagem com fenômeno e objeto de interesse público: com que direito? **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 34, p. 99-116, ago. 2015.

JOSEPH, Isaac. **Paisagem, coisa pública.** Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. RA'E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

MEINIG, Donal W. O olho que observa: dez visões da mesma cena. **Espaço e cultura**, n. 13, 2002.

MESQUITA, Zandor. **O patrimônio industrial como elemento constituinte da paisagem cultural de Campos dos Goytacazes.** Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, v. 6, n. 2, dez. 2010.

OLIVEIRA, Mariel Lima de. **Reorganização viária de Campos dos Goytacazes uma proposta retomada**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Escola Politécnica da Universidade Federal Fluminense, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

PIQUET, Rosélia. Da cana ao petróleo: uma região em mudança. In: PIQUET, Rosélia (org). **Petróleo, royalties e região**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

POLLETE, Marcus. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo: Visão e Ação**, ano 2, n. 3, 1999.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Teoria da Ação**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

_____. Significado Conjuntural do Planejamento: projetos e interesses. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 117-130.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CARDOSO, Adauto Lúcio. Planejamento urbano no Brasil: paradigmas e experiências. **Revista de Estudos Regionais e Urbanos Espaço e Debates**, São Paulo, n. 37, 1994.

RODRIGUES, Igor Paolo Ribeiro Dias. **Território e Poder: as elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense – UFF, Campos dos Goytacazes, 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SMIDERLE, Dilceia de Araújo V. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural jornalista Oswaldo Lima, 2010.

TAVARES, Jéssica Monteiro da Silva; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de. Movimentos pendulares para fins de estudo no interior do Estado do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente, 2015.

ZACCHI, Raquel Callegario. **O papel dos proprietários fundiários e do Estado no processo de conversão de terras rurais em urbanas e na produção de loteamentos fechados: Campos dos Goytacazes (1980-2011)**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.